



Resenha

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

Geração digital

Digital generation

Rubens de Oliveira Martins¹

O que é um bom livro? A resposta a essa questão vai variar de acordo com os interesses – acadêmicos, literários, culturais, profissionais etc. -, com a idade e o momento histórico em que se encontra o leitor. De toda maneira, poderíamos incluir nessa listagem mais um critério definidor: um bom livro é aquele que nos faz refletir sobre o que está ocorrendo a nossa volta, e assim é possível incluir nessa categoria o livro de Don Tapscott “A hora da geração digital”.

Embora o autor seja professor universitário (leciona Administração na Universidade de Toronto - Canadá), o leitor não encontrará discussões teóricas permeadas de referências filosóficas, nos moldes tradicionais das ciências humanas, mas sim uma reflexão bastante pragmática acerca do impacto das tecnologias de comunicação – em especial a internet - sobre as novas gerações. O argumento básico do autor é o seguinte: estamos diante de um grupo de indivíduos jovens – nascidos entre 1977 e 1997 – que constituem a “Geração Internet”, para quem a tecnologia está presente como algo “natural”, o que determinaria novas formas de relacionamento social e novos valores capazes de mudar o mundo para melhor.

Recebimento: 11/8/2010 • Aceite: 18/8/2010

¹ Doutor em Sociologia (UnB), Mestre em Sociologia (USP). Ministério da Ciência e Tecnologia. End: Esplanada dos Ministérios, Bloco E, CEP: 70067-900, Brasília, DF, Brasil. E-mail: rubensomartins@uol.com.br

Ao longo do livro o autor apresenta os dados de uma pesquisa realizada com cerca de 10 mil jovens da “geração internet”, ao lado de evidências empíricas, para desconstruir os argumentos dos autores antagonistas dessa visão positiva sobre a “Geração Internet” (como Marc Bauerlein, M. Gigi Durhen, Willian Damon, Jean Tueng), que acusam a internet pela produção de jovens narcisistas, preguiçosos, incapazes de se concentrar, despreparados para o convívio social, “emburrecidos”, mimados e violentos.

Antes de avançar na análise das contribuições do livro de Tapscott é preciso fazer algumas ressalvas, sendo a mais importante o fato de que, embora a pesquisa realizada tenha incluído países emergentes como o Brasil, acaba por desconsiderar os diferentes graus e ritmos de popularização da tecnologia e da internet em relação ao que ocorreu nos EUA, Europa e Japão. Assim, se nos EUA um indivíduo de 30 anos pode ser considerado como membro da “Geração Internet”, no Brasil seria preciso ampliar essa periodização em no mínimo 20 anos, uma vez que a internet e os computadores pessoais em nosso país começaram a se popularizar somente a partir de 1996. Ou seja, no Brasil o membro mais velho da “geração internet” teria no máximo 15 anos. Uma segunda ressalva, que chama a atenção especialmente aos leitores acadêmicos, é um certo etnocentrismo do autor, que recorre insistentemente a exemplos de sua vida pessoal – familiar e profissional – como se pudessem ser considerados argumentos indiscutíveis em favor de suas teses, muitas vezes citando opiniões de seus filhos e situações características de uma família de classe média americana.

Para além dessas ressalvas, o saldo da leitura de *A hora da Geração Digital* é extremamente positivo, em especial para os que trabalham na área de educação com a formação de jovens, e que necessitam compreender melhor os valores e especificidades dessa nova geração. Mas o autor não se limita apenas àquelas dimensões que interessam aos professores, ele discute também os desdobramentos e impactos dessa geração a partir de estudos sobre as mudanças no funcionamento do cérebro desses jovens, sobre a sua influência no mercado de trabalho – seja nos tipos de emprego, seja nos horários e presença física em escritórios –, nas redes de relacionamento que influenciam padrões de consumo, no rearranjo das relações familiares, na participação política, na transformação dos valores sociais e individuais.

A abordagem geracional de Tapscott exige reflexões mais aprofundadas, e obriga a retomar a questão clássica da sociologia de

Karl Manheim (*Le problème des generations*. Paris: Nathan, 1990) acerca das especificidades do contexto social que determinarão as possibilidades de ruptura, de continuidade, de mudança de valores, o ritmo da transformação e os mecanismos garantidores de uma transição estável. Nesse sentido é preciso destacar a forma como o autor percebe o caráter emblemático de que a disseminação do uso da internet está determinando, pela primeira vez na história humana, a existência de uma “geração global”, que ultrapassa as fronteiras geográficas, e mesmo de valores culturais locais, e se torna capaz de uma comunicação e de uma ação colaborativa.

Também no que se refere à questão da transição entre as gerações, se identifica o ineditismo de uma proximidade de valores entre os pais (da chamada geração “baby boomers”, nascidos entre 1946 e 1964 – sempre no referencial americano), e o fenômeno da minimização dos conflitos culturais entre pais e filhos. Isso pode ser observado seja pelo compartilhamento de gostos musicais, seja pelo respeito à individualidade dos jovens, ou ainda pelo “prolongamento” do apoio e participação dos pais nos assuntos dos filhos (desde a escola, na faculdade e na vida profissional). Assim, ao invés de estarmos diante do conhecido conflito de gerações, estaríamos diante da primeira experiência de “superação geracional”.

Quanto às características dessa “geração internet”, imersa na tecnologia, o autor identifica oito normas que os diferenciam dos seus pais: (a) liberdade de escolha; (b) tendência para customização; (c) postura investigativa; (d) defesa da integridade da empresas e postura responsável como consumidores; (e) valorização do lúdico e do entretenimento também no trabalho; (f) atitude de colaboração e culto aos relacionamentos; (g) exigência de velocidade e rapidez nas respostas; (h) busca da inovação.

Ratificando, de maneira adaptada, a afirmação de Marx de que a infraestrutura determina a superestrutura, parece bastante plausível a hipótese de que a tecnologia – em especial a internet - tem determinado mudanças no comportamento e nos valores dessa nova geração, e os dados apresentados pelo autor revelam transformações significativas em diferentes dimensões.

Por um lado, considerando habilidades individuais, têm sido observadas competências de realização de diferentes tarefas de maneira simultânea, maior agilidade de pensamento e de tomada de decisão (por exemplo, a partir de estudos com a utilização de *video games*), de investigação de informações ao invés de decorá-las.

Por outro lado, considerando habilidades sociais, o maior acesso à informação sobre outros indivíduos e culturas, aliado à globalização de valores culturais (desde a música até a democracia) tem revelado proximidades capazes de estabelecer comunidades virtuais que, se necessário, se mobilizam em torno de determinadas causas. Nesse aspecto, também é importante destacar a análise que Tapcott faz sobre as ações de voluntariado e de mobilizações utilizando as ferramentas digitais (*Youtube, Facebook, Twitter, Orkut, Myspace* etc) com grande repercussão e velocidade.

O autor demonstra como, para essa nova geração, a internet não é apenas um lugar para buscar informação, mas um espaço de relacionamento, que só passa a ter sentido pela sua característica de contato contínuo (daí o declínio do uso de e-mails por parte dos jovens, que preferem as mensagens instantâneas como o *Messenger*), redefinindo assim o espaço virtual, que se torna “espaço privado”, no sentido de garantidor da individualidade do jovem, mas também “espaço público”, pois é nele que se realizam os encontros, as comunidades e a auto-organização.

E a partir daí nenhuma outra dimensão consolidada dessa atual realidade social pode ficar imune às transformações impelidas pela “geração internet”. O mundo do trabalho com suas hierarquias tradicionais, horários fixos, exigências de presencialidade, critérios de antiguidade e promoção, terá que se adaptar para receber esses jovens e aproveitar ao máximo suas potencialidades. Talvez aqui se encontre uma das arenas mais sensíveis aos conflitos potenciais de valores.

Também o mercado de produção de bens de consumo e bens culturais, ou seja, as empresas e os meios de comunicação e publicidade, irão se deparar com um novo tipo de consumidor, mais informado e exigente, mais disposto a interferir com sugestões e demandas, e que poderá influenciar mesmo modelos de negócios já cristalizados (o autor cita o caso da indústria fonográfica, que se mostrou incapaz de combater o que chama de “pirataria”, e que talvez tenha que apresentar uma nova proposta para o que se considera direito autoral).

Ao contrário das críticas de alienação e desinteresse pela política, Tapcott também exemplifica como as ações de voluntariado e de mobilizações virtuais têm demonstrado uma mudança no padrão de comportamento político, que se define menos pela militância partidária, e mais pelo engajamento em causas consideradas afinadas com seus valores de respeito e tolerância – sexual, racial, cultural – e de preocupação com questões ambientais.

Cabe ressaltar finalmente, a análise que o autor faz a respeito da educação e dos estudantes da “geração internet”, que obriga a uma reflexão por parte dos docentes e dirigentes escolares a respeito da responsabilidade sobre o sucesso da formação desses jovens, no contexto da modernidade tecnológica globalizada. Assim, o modelo de ensino focado nas aulas expositivas do professor, com conteúdos pouco significativos a serem decorados, e sem utilização de recursos das tecnologias de comunicação está fadado ao fracasso, refletido na elevada evasão escolar e no despreparo dos futuros egressos. A dimensão educacional talvez seja uma das mais críticas e refratárias a mudanças, considerando os métodos pedagógicos tradicionalmente arraigados e a deficiência na formação dos professores (muitos de uma geração anterior, para quem a tecnologia não é natural). Aqui será necessária uma profunda mudança de paradigmas, com a mudança de foco das atividades centradas agora nos alunos, privilegiando uma postura investigativa e colaborativa, tirando o máximo proveito das tecnologias e da internet.

Diante dessas características *sui generis* fica patente a necessidade de compreensão e ajustes por parte da geração que atualmente ocupa os cargos dirigentes nas empresas, governos e instituições educacionais, sob o risco daquela transição geracional criar cenários de impossibilidade de superação. E aqui retornamos a nossa sugestão inicial: a leitura do livro de Don Tapscott é um bom ponto de partida para refletir sobre esses impasses e para a busca de caminhos de solução.